

# MANIFESTO: A ESCRITA POSICIONADA, O TRANSCENDER DE MIM E A PRODUÇÃO DO OUTRO

*Data de submissão: 19/02/2025*

*Data de aceite: 05/03/2025*

### **Be Silva Brustolim**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos da Universidade Federal da Bahia (PPGNEIM-UFBA), Salvador, Bahia.  
<https://lattes.cnpq.br/3330564553235825>

Este capítulo compõe, com adições, parte do trabalho de conclusão de curso (TCC) da autora, para o Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (BEGD), da Faculdade de Filosofia e Ciências humanas (FFCH), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Orientadora: Iole Macedo Vanin; Co-orientadora: Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti.

Durante o processo de escrita deste trabalho, assim como no meu processo acadêmico em geral, percebo a necessidade de localizar algumas de minhas escolhas e práticas metodológicas e epistemológicas, entendendo que o fazer científico se dá a partir não apenas da prática cartesiana. Mas e sobretudo através da escrita, onde muitas escolhas

são feitas, mesmo que inconscientemente, sobre o que se produz e dessa forma, acabamos por moldar não apenas nossa pesquisa, mas a nossa relação com o tema e ou objeto estudado, produzindo realidade de forma posicionada (Haraway, 1995).

O fazer científico é sobre produzir entendimentos e noções da realidade, pois, se faz ciência para entender e ou organizar o mundo à nossa volta, dessa forma, entendemos o mundo a partir do “eu” que produz conhecimento sobre ele. Este “eu”, historicamente, não é um reflexo do sujeito médio de uma dada sociedade, pelo contrário, o “Eu” produtor e detentor de conhecimento, que define a realidade, tende a ser parte de um grupo seletivo, composto por sujeitos da casta privilegiada daquela sociedade. Dito em termos vagos, nos parece distante, porém, basta pensar na imagem comum que pessoas da sociedade brasileira tem do “cientista”: Natural e biologicamente homem, branco, rico e limpo, com dispositivos e equipamentos caros a sua volta<sup>1</sup>. Esta

<sup>1</sup> Na última década, tem se intensificado o esforço de expandir o imaginário popular sobre, não apenas quem são os

imagem do sujeito produtor de conhecimento e legitimador da realidade foi construída no Iluminismo e imposta ao mundo pela colonização europeia sobre o mundo<sup>2</sup>, ela expõe, produz e propõem a identidade legítima do produtor de conhecimento, abjetificando todos que não a refletem e deslegitimando sua produção.

Nelson Maldonado-Torres (2007) propõe um conceito que nos é muito útil para pensar os efeitos em longo termo da colonização ao pontuar colonialidade:

A colonialidade é diferente do colonialismo. O colonialismo denota uma relação política e econômica em que a soberania de uma nação ou de um povo repousa no poder de outra nação, o que faz dessa nação um império. A colonialidade, pelo contrário, refere-se a padrões de poder de longa data que surgiram como resultado do colonialismo, mas que definem a cultura, o trabalho, as relações intersubjetivas e a produção de conhecimento muito para além dos limites estritos das administrações coloniais. A colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela é mantida viva nos livros, nos critérios de desempenho acadêmico, nos padrões culturais, no senso comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações de si mesmos e em tantos outros aspectos da nossa experiência moderna. De certa forma, como sujeitos modernos respiramos colonialidade o tempo todo e todos os dias. (Maldonado-Torres, 2007, p. 240)

No processo de produção de realidade, observamos que a normativa colonial é subvertida comumente por muitos sujeitos, o desejo de entender e significar o mundo à nossa volta, nos acompanha, provavelmente muito antes de nos tornarmos *Homo Sapiens Sapiens*. O poder colonial, em menor e maior escala, vem enquanto força (des)legitimadora do saber e da realidade, sendo este sujeito iluminista a voz da razão, que queima bruxas e catequiza nativos, quando não os extermina. Livros e institutos são queimados, sábios são mortos e o diferente é subjugado, para então ser escravizado e re-educado. Saberes heréticos são aqueles que conflitam não com o divino, mas com a narrativa do colonizador. Deus é reflexo do homem que, feito a sua imagem, herdou o mundo para livremente aproveitá-lo.

O mundo nunca foi vazio ou despido de signos, sentidos e significados. A natureza vive, cheia de vida, ela nutre, gera e consome. No mundo vivem e, principalmente, viviam todos aqueles que não foram feitos a imagem de Deus, todas aquelas que não são Homens, nas palavras de Linn da Quebrada (2017): “Nem sempre há um homem para uma mulher, mas há 10 mulheres para cada uma E uma mulher é sempre uma mulher”<sup>3</sup>. Para além disso,

---

cientistas, mas na diversificação da representação de profissionais de todas as áreas. Isso é produto das lutas encabeçadas pelos movimentos sociais e da diversificação das estratégias de dominação e cooptação usadas pelos grupos dominantes, nomeadamente as grandes corporações. O processo ocorre em um puxa e empurra, que fundamentalmente realiza a manutenção das hierarquias e matrizes produtoras da desigualdade.

2 Tradução livre, original: “Coloniality is different from colonialism. Colonialism denotes a political and economic relation in which the sovereignty of a nation or a people rests on the power of another nation, which makes such nation an empire. Coloniality, instead, refers to long-standing patterns of power that emerged as a result of colonialism, but that define culture, labor, intersubjective relations, and knowledge production well beyond the strict limits of colonial administrations. Thus, coloniality survives colonialism. It is maintained alive in books, in the criteria for academic performance, in cultural patterns, in common sense, in the self-image of peoples, in aspirations of self, and so many other aspects of our modern experience. In a way, as modern subjects we breath coloniality all the time and everyday”. (Maldonado-Torres, 2007, p. 240).

3 Disponível em: Linn da Quebrada - blasFêmea | Mulher

ao longo do texto me referirei ao sujeito feito a imagem de Deus como Sujeito Hegemônico e ou Iluminista. Todas as muitas existências que escapam dessa hegemonia divina são muitas para nomear, mas existem em um esforço contínuo de nomear-se e resistir ao sujeito que se permite antropólogo, pois hegemônico. Em conflito contínuo com a narrativa faminta por exótico domesticado e enjaulado, o não-hegemônico sobrevive, em diálogo e negociando dignidade e vida, por migalhas e inserção, quando não morre ou vive em abjeção por negar-se o, suposto, privilégio de existir nas sombras do sujeito hegemônico.

Deve-se destacar que o conceito de hegemonia é uma construção da esquerda pós-marxista, nomeadamente Gramsci, que pretendia explicar as relações sociais para além da classe (Alves, 2010). Porém, como em muitos outros tópicos, as esquerdas hegemônicas construíram uma noção fascista sobre o conceito, aspirando construir sua própria hegemonia, para dominar seus supostos aliados. O conceito pode ser pensado de outras formas, preferencialmente formas que quebrem com as estruturas produtoras de desigualdade, ao invés de repensar e reorganizar-se em relação a elas. Pensamos em Hegemonia como um modelo de dominação psicossocial que estabelece modos de viver, pensar e se relacionar enquanto a norma, à qual todas as pessoas devem se submeter e dialogar com. Hegemonia é a dominação do outro e subjugação preconceptiva, nascemos dentro das normativas da hegemonia.

Ao decorrer da história do Ocidente e dos países colonizados, milhares de pessoas que não pertenciam à hegemonia nasceram e morreram, arriscaria até dizer que viveram. Destas pessoas, em sua grande parte, não temos memória, evidência ou história. Elas não estão presentes quando estudamos a idade média, o renascimento, a colonização e o genocídio de centenas de povos e culturas. Morreram sem deixar marcas, sem ter casas, famílias, túmulos, corpos e menções a elas na literatura da época. Não se sabe quase nada sobre esses indivíduos, pois eles não pertencem no passado, são uma invenção, um erro, uma mutação, uma perversão do presente. No futuro, não serão lembrados, pois será o presente e eles não tem passado.

A História é escrita pela, para e sobre a hegemonia. Quando a não-hegemônica habita o mesmo espaço físico que ela, esta não existe. Quando não-hegemonia come na mesma mesa, da mesma comida, a hegemonia está comendo sozinha. Quando a não-hegemonia escreve, é apagada. Não há lugar, no material ou no metafísico, que se encontre a não-hegemonia, que não seja o presente. Mas se a hegemonia decide falar sobre si, falando sobre o outro, aí a não-hegemonia existe, no discurso que molda o errado e feio, o vilão que ameaça o equilíbrio delicado da sociedade, na voz sedutora que tenta a hegemonia, mas morre, ou é salva e inserida, despida de suas qualidades indesejáveis, enquanto subalterna, porém aceitável, na narrativa, para então morrer e ser retificada enquanto não-hegemonia.

Ser sujeito abjeto é existir para além da hegemonia, em algum nível. Porém, ao denominar aqueles que me oprimem, me vejo enquanto um reflexo deles, se me despir

dos marcadores que carrego, posso me juntar a eles; mas, aí reside o âmago do problema, meu corpo é tão abjeito quanto o uso que faço dele. Minha abjeção não é apenas física, ela transpõe o físico e o psíquico, se instalando na totalidade do meu ser, não reside no meu pé, nem no meu sapato. Também não existe no meu passo ou na minha intenção de pisar, ou por onde piso e para onde ando; mas, sim, na combinação dessas experiências e manifestações. Onde sou vista, concebida e classificada enquanto abjeta e indesejada, sendo identificada e me identificando neste processo. Penso no ‘Eu’ nesse lugar transitório da abjeção, desse existir *Kuir*<sup>4</sup>, como habitante do espaço liminal<sup>5</sup>. Minhas pegadas são apagadas da areia, sozinha caminha a intenção de mim, nas praias da história.

As produções artísticas de pessoas não-hegemônicas são destruídas, desvalorizadas, reapropriadas, escondidas e, muitas vezes, usadas enquanto forma de deslegitimar as criadoras daquela arte, sendo evidência contra seu caráter e índole (sic.). Artistas dissidentes estão presentes nas culturas ocidentais há milhares de anos, trazendo suas experiências e subjetividades para o campo da produção artística. Contudo, tendem a ter suas identidades apagadas e desconsideradas quando sua arte não é obviamente subversiva, ou suas obras subversivas apagadas e/ou invisibilizadas em prol de seus trabalhos mais *apropriados* (sic.) para o contexto sociocultural em que a artista estava inserida. Quando, eventualmente, suas obras subversivas atingem certa notoriedade, essas artistas tendem a esconder-se e permanecer anônimas, para evitar as consequências de serem associadas a suas produções artísticas. Este processo acontece tanto durante a contemporaneidade da artista, quanto retroativamente pela construção da narrativa histórica.

Quando pensamos em artistas LGBTQIAPN+<sup>6</sup>, observamos o grande número de artistas atuais e alguns grandes artistas do passado ou contemporâneos, que têm ao menos um desses marcadores identitários que compõe o guarda-chuva LGBTQIAPN+, acredito importante demarcar como essas pessoas recebem visibilidade e como são representadas, sendo o mais comum o apagamento de seus marcadores quando são sujeitos históricos e, quando não, são trazidas enquanto apenas LGBTQIAPN+, com sua arte deixada em segundo plano, as colocando enquanto artistas de nicho, que não recebem o mesmo incentivo que artistas não-dissidentes. Existem exceções, porém geralmente são de pessoas com poucos marcadores não-hegemônicos que saem do armário posteriormente ao seu sucesso, podendo até ter suas carreiras prejudicadas por sua dissidência.

---

4 *Kuir*, é um conceito brasileiro do Queer do norte global, buscando construir uma ponte entre as experiências de abjeção de fora do Brasil com as experiências brasileiras.

5 Pensar em espaços *Kuir* é pensar em seus usos, funções e histórias. Como eles foram apropriados e moldados pela presença de corpos *kuir*, seja ela constante ou em passagem. No artigo “*What Do We Mean By Queer Space?*”, Evan Pavka percorre a epistemologia do termo, usando de pensadores da arquitetura para explorar e questionar a existência de espaços que nos materializam e as marcas que deixamos neles.

6 A sigla LGBTQIAPN+ significa: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans (Travestis, Transgênero, Transexuais), *Queer* (Questionando), Intersexo, Assexual (Arromântico), Pansexual, Não-Binaries, + para as muitas outras sexualidades, gêneros e corporalidades que não estão dentro da norma CISHeterossexual. Vale notar que outras siglas também são válidas, porém, usar esta é uma escolha política, que inclui partes da comunidade historicamente apagadas e silenciadas.

A negação de uma identidade histórica e de uma memória é um dos fatores que contribuem para a deslegitimação dos corpos e experiências *Kuir*, a ausência de uma produção de conhecimento que advenha de nossas próprias mentes e seja refletida dentro de nosso imaginário, a ausência de elementos linguísticos que construam uma narrativa positiva das experiências não-normativas de sexualidade, afetividade, gênero e corporalidade, o silenciamento da vocalização de nossos desejos e experiências e nossa relação com o mundo, o genocídio<sup>7</sup> de nossas populações através da violência social e da necropolítica (Mbembe, 2016), são todos elementos que podem e devem ser refletidos dentro das produções de pessoas *Kuir* na academia e fora dela, carregando em si nossa linguagem e nossa experiência, conquistada em sangue e cova.

Conforme entendemos e analisamos os processos de construção da cultura, percebemos que não existe um elemento definidor dos fenômenos sociais, mas sim, centenas de momentos e processos que temporalmente estabelecem uma rede de sentidos, símbolos, significados, significantes e imaginários<sup>8</sup>. Porém esta rede é composta por centenas de segmentos e camadas que comumente chamamos de culturas, geralmente especificando enquanto adjetivo o local dessa cultura<sup>9</sup>.

Conforme nossa necessidade didática e teórica de usar o conceito, compreendemos que a cultura é segmentada de acordo com as diversas organizações e divisões dos grupos humanos, sendo hierarquizada conforme as relações de poder são estabelecidas e projetadas. Sendo assim, a cultura que tratamos enquanto hegemônica, está ligada aos grupos hegemônicos e é responsável tanto por produzir quanto manter estes grupos e vice-versa, através de estruturas que hierarquizam os corpos, experiências e identidades.

Sobre qual hegemonia estamos pensando neste trabalho? Pensar nas minorias é simples, ainda mais quando compomos uma ou diversas delas, damos nome e texto sobre quem somos e porque temos problemas, mas para quem falamos? Para umas às outras? Em geral, sim, acabamos por sofrer um ciclo de ouroboros, no qual, educamos umas às outras e mudamos em prol de incluir aqueles que são oprimidos por outros mecanismos, mas será isso suficiente? Quem matou meus ancestrais<sup>10</sup>? Quem me negou sua memória?

---

7 Entende-se aqui as violências contra a população LGBTQIAPN+ e seus devidos equivalentes históricos e outras identidades desviantes que na contemporaneidade e no ocidente seriam abrangidos pela sigla, enquanto um processo histórico de limpeza eugenista da população do estado brasileiro através do assassinato, desencorajamento, destruição da memória e história, representação especificamente negativa, violências físicas, médicas, morais, econômicas e patrimoniais, sendo possível a expansão dessa compreensão para outros países.

8 A definição de cultura é complexa, pois abrange não só elementos do *Zeitgeist*, mas também toda uma historicidade da espécie humana, para além de suas restrições territoriais e barreiras sociolinguísticas, o conceito de cultura, aqui trabalhado, abrange toda produção humana, toda tecnologia e uso coletivo ou individual delas. Cultura em si tem diversos sentidos, mas para nossa objetividade, usaremos cultura enquanto toda produção intencional de conhecimento e tecnologia que se produz, ou se pretende para uso, em sociedade.

9 Neste texto, por exemplo, usamos "Cultura Hegemônica" enquanto uma forma de nomear um aspecto da cultura geral de nossa sociedade. Esta é uma forma também generalizante de adjetivar a cultura, além disso, também usamos "Contra cultura" que especifica uma produção de cultura que vai de encontro a cultura hegemônica de determinada sociedade. Outros exemplos são: Cultura Emo; Cultura Gótica; Cultura Nacional; Cultura Popular;

10 Penso na ancestralidade para além do religioso, como uma linhagem de pessoas que possibilitaram meu modo de experienciar e existir no mundo. As pessoas trans que lutaram para ter suas identidades reconhecidas e morreram sem nome, por exemplo, compõem a ancestralidade de todas as pessoas trans que hoje em dia têm e continuam lutando

A quem serve meu corpo sem história? A cisgêneridade compõe uma hegemonia, servindo o império heterossexual e perpetuando a monogamia da família tradicional, onde não há espaço para o corpo não-conformante e não-normativo, onde a sexualidade é regulada e limitada por uma moral, quando não é fanática, religiosa, onde a branquitude é divina e o capital é Deus.

Nomear essa hegemonia é algo difícil, falar do sujeito oculto, que é preexistente e pré concebido, da norma não anunciada. Mas existe um esforço das produtoras de contra hegemonia para o fazer. Começamos com a hegemonia masculina, o patriarcado, que regula os corpos para subjugação das mulheres e do feminino, posteriormente, nomeamos a dominação econômica, as classes dominantes, que exploram os sujeitos através da acumulação de capital, do poder militar e político. A dominação através dos dispositivos de raça, usando-os como base de distinção e valoração de sujeitos, cria a hegemonia branca, no ocidente, que compõe outra elite, a colonial<sup>11</sup>, através da colonização, do imperialismo e do neoimperialismo, na qual o Norte Global subjugou, quando não exterminou, os povos e territórios do sul e do oriente.

Mas estas são as simples, que oprimem e marginalizam de forma mais óbvia os sujeitos. Quando pensamos na estrutura da família, pensamos na construção patriarcal dela, percebemos que aquele modelo é composto também por hegemonias. A binaridade e a cisgeneridade dos sujeitos, que servem para definir papéis claros e restritos. A monogamia<sup>12</sup>, que garante a hereditariedade e o funcionamento regular do lar<sup>13</sup>. A heterossexualidade garante a reprodução e, por consequência, a propagação da espécie. A normativa sobre os corpos e mentes, que devem ser saudáveis e imaculados, para serem aceitos dentro de uma sociedade sanitarista e capacitista, que existe em função da produção e do trabalho. Tais estruturas compõe a hegemonia e o sujeito hegemônico é o Homem, Cisgenero, Branco, Rico, Pai de família, Heterossexual, Monogâmico, Ocidental. É este sujeito que é beneficiado pelas estruturas que moldam nossa sociedade e cultura, que tem direito à memória e voz. Porém, este não é meu único inimigo, meu inimigo lhe serve, cozinha sua comida e lhe gera dinheiro, pois, quando pensamos nesse sujeito hegemônico, o distanciamos de nossa realidade, a sombra de seu pedestal é mais próxima de nós do que ele.

Mas esse sujeito tão distante de mim não me mata na rua. Suas partes, porém, são muito mais próximas, o Homem Cisgênero Heterossexual, a Mulher Cisgênera

---

para ter direitos mínimos.

11 Vale ressaltar que este fenômeno não é exclusivo do ocidente, outras configurações do processo colonial existem no oriente, porém, não cabe dentro deste processo argumentativo discutir todos os genocídios, etnocídios e colonizações presentes na história humana, mesmo que em algum grau eles contribuam para a configuração atual da política, cultura e sociedade multicultural, globais contemporâneas.

12 Pensar na monogamia no contexto patriarcal é também entender que sua aplicação é desonesta e desigual, baseando-se nas relações de poder entre os sujeitos binários, os homens tendem a usufruir de uma monogamia simbólica, na qual sua obrigação com sua parceira é referente a legitimá-la e sustentá-la economicamente, sendo que sua sexualidade e romanticidade podem ser experienciadas para além da monogamia. No caso das mulheres essa monogamia tende a ser comprometimento completo, sendo a violação desse acordo punível com morte e violências de gênero.

13 Aqui me refiro às dinâmicas e estruturas do Ocidente e países ocidentalizados.

Heterossexual, o Homem Cisgênero Rico (ou que se vê enquanto rico), nos quais outros marcadores da hegemonia são irrelevantes. Não importa o quão oprimido e marginalizado seja um sujeito, o potencial de reprodução dos valores hegemônicos e de violência sempre existirão. Nós celebramos aquilo que nos torna aceitável, nos afastamos daquilo que nos marginaliza, para que possamos nos aproximar daqueles que nos marginalizam. “A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido. [...]” (SILVA; 2000, p. 84.

A noção de desconstrução e reconstrução de si, do entender que podemos repensar nossas relações com as matrizes produtoras da desigualdade e suas manifestações em nossa identidade e relacionamentos, Linn da Quebrada (2021) sugere “Mate em você O macho, branco, senhor de engenho, colonizador, capataz que pensa estar sempre à frente mas vive para trás”<sup>14</sup>, de certa forma, eu acredito que existe muito de nós que merece ser eliminado deste mundo, seja de forma mais imediata ou geracional, há muito que precisamos remover. Nesta vida, “eu matei o Júnior”<sup>15</sup> (Quebrada, 2021), em processos a morte nos vem em vida, em escolhas renascemos.

Me sinto como parte de uma perpétua Idade Média.<sup>16</sup> Os processos de reconstrução e resgate das narrativas históricas sobre as pessoas *Kuir* e os corpos dissidentes em que habitavam vem acontecendo enquanto movimento recente de ocupação dos espaços de produção e reprodução de conhecimento, que antes, mesmo quando falavam sobre “nós” eram ocupados apenas por sujeitos hegemônicos que moldaram a forma de se produzir saber a partir de seu local de pertencimento. Acreditamos necessário analisar o uso que se fez de nossas experiências e como elas foram recebidas pelas populações não-dissidentes, já nomeadas, quando foram representadas.

Quando observamos a realidade das produções atuais da indústria cultural e da comunicação em massa, tendemos a ter uma leitura e análise negativa do papel da comunicação na nossa sociedade, mesmo quando consideramos os produtos de entretenimento e especialmente quando observamos estes de forma crítica, porém, basta lermos ou assistirmos produções independentes e entrar em contato com conteúdos que quebram com as normativas das estruturas produtoras de desigualdade, organizadoras de nossa sociedade, que despertam em nós uma fagulha de esperança.

O sucesso do modo de produção capitalista está na sua capacidade de interferir diretamente nas nossas formas de desejar e nos objetos desse desejo. O capital, ao mesmo tempo em que disponibiliza um produto nas grandes empresas está produzindo em nós, por meio de um aparato midiático

---

14 Disponível em: Linn da Quebrada - mate & morra (Áudio Oficial)

15 Disponível em: Linn da Quebrada - eu matei o Júnior ft. Ventura Profana (Áudio Oficial)

16 Durante a Idade Média foram produzidos incontáveis objetos culturais, de pinturas até conhecimento científico, muitos deles foram perdidos ou destruídos, sofrendo com a passagem do tempo e o uso recorrente, pois não se tinha intenção de os preservar, parte desses objetos foram celebrados e preservados pelos detentores de poder, a Igreja e as monarquias, mas mesmo estes, foram logo substituídos nas gerações seguintes por produções novas. Essa era é comumente conhecida como Idade das Trevas, na qual não se produzia arte, ciência e saúde, na qual todos eram fantoches da igreja católica e nada de interessante nunca acontecia.

global, o desejo por aquele produto. Mas não apenas bens de consumo são produzidos pelo capital, ele vampiriza também nossa potência de desejar, sobrevive dela, e vai criando e nos vendendo, por meio dos dispositivos midiáticos, todo um modo de ser, estar, pensar, consumir e desejar. O capital é uma face da colonização, seu prolongamento, sua consequência direta, sua sofisticação mercadológica. A preocupação dos capital-colonizadores contemporâneos está menos em explorar territórios geográficos e mais em colonizar territórios existenciais (Veiga, 2015) que perpetuem a lógica que o sustenta e que retroalimentem as engrenagens que mantêm o modo de produção colonial-capitalista. Dentre essas engrenagens encontra-se o racismo. (Veiga, 2018, p. 82-83)

Apesar dos grandes conglomerados midiáticos serem responsáveis pela produção e distribuição de grande parte dos conteúdos que reforçam a desigualdade e contribuem para a construção de um imaginário específico e bem desenhado, que molda as individualidades e coletividades a se comportarem e existirem dentro do e para o mercado de corpos e tempo, estabelecendo-as em suas posições adequadas no tabuleiro desigual do capital. Essas mesmas corporações produzem e ou distribuem documentários e arte que se propõe a, no mínimo, abordar a realidade social, a partir de pontos específicos da matriz, tendo pelo menos um sujeito envolvido que tenha um compromisso, muitas vezes autoimposto, em alterar a condição de vida de seus iguais ou de mostrar ao mundo as violências e a luta contra elas de, ao menos, um dos sistemas produtores da desigualdade para com nossos corpos. Entretanto, Linn da Quebrada reflete, referindo-se a sua relação de negociação com a hegemonia,

Há muitos que latem por poucos quilates  
Dizendo que lutam, que lucram, que lacram  
Usando coletes à prova de balas  
Dizem que são belos, são caros  
Tem carros, tem casas, tem casos sem cores  
Tem máscaras caras  
Mais caras que quando caem  
Não quebram, não cobrem  
Refletem a face, disfarçam a foice  
Despertam a fêmea, a fome, a fama  
De comida, de comédia  
Dizendo que gostam, que gastam, que amam  
Mas que sentem muito  
(Quebrada, 2021)<sup>17</sup>

Ao consumir esses produtos que se propõe contracultura, percebo, primeiramente a fragilidade de nossa luta, pois para sermos ouvidas e vistas pelos nossos outros, precisamos nos vender e morder nossas línguas e segurar nossas mãos, sendo editadas e reeditadas para então ter nossas pautas aprovadas para adentrar ao hall de produções de determinada marca ou sermos rejeitadas, substituídas por autores e obras menos inflamatórias, que são, na maioria dos casos, olhares do outro sobre nós. Em seguida,

---

17 Disponível em: Linn da Quebrada - quem soul eu (Áudio Oficial)



observo como somos divulgadas, para quem somos oferecidas e quem, realmente, nos consome, enquanto arte e artistas.

Os produtos que se propõe contraculturais, em defesa de modos e modelos de vida que se dissociam ou são dissociados da hegemonia, habitando a margem, seja por questões de raça, classe, etnia, gênero e sexualidade, entre os outros elementos da corporalidade, performance ou ação no mundo que são abjetos do “Eu” que regula as corporalidades, a imagem do homem iluminista e sujeito hegemônico, trazem em si uma desconformidade que causa incômodo, seja por expor as fragilidades dos sistemas ou por compor narrativas outras que promovem a possibilidade de uma existência para além dos moldes impostos. Quebrar com a lógica que racionaliza a violência cotidiana sob os corpos não hegemônicos é promover a quebra dos ditos contratos sociais que regulam as aparências de normalidade no ocidente em chamas, pré-apocalíptico, que vivemos<sup>18</sup>.

A comunicação da voz anti-sistêmica, que produz contracultura e propõe revolução, é violenta. Violência é a invasão do espaço do outro, é quando a propriedade, a própria, é infringida por um sujeito, mesmo quando auto-infringida. Quando praticamos violência causamos dano aos sujeitos que a recebem. Muitas coisas precisam ser quebradas. Quando estudo sobre as matrizes produtoras da desigualdade tendo a isentar, em minha mente, os sujeitos compositores da hegemonia de culpa e agência, pois, assim como eu, eles são vítimas de um sistema ancestral e milenar que produziu, moldou e modificou seus corpos e mentes ao ponto de instituir a diferença dos corpos enquanto hierarquia semidivina de realidades. Mas afinal, quem é isento de culpa? Quais corporalidades foram abençoadas com a mentalidade revolucionária? Pois, se eles são como eu, vítimas, quem me dá o direito de forçar minha perspectiva de mundo *goela abaixo* neles?

Eu me dou esse direito. Minhas mãos sempre estavam sujas de sangue, não foram poucas as vezes que esse sangue era literal, ao invés do simbólico cotidiano. Meu sangue correu das feridas, cortes e coagulou em hematomas. O sangue das minhas irmãs correu enquanto eu as socorria, da mesma forma que o meu corria e as manchava. Nossos corpos marcados por códigos e ideologias que nem podíamos nomear, por falta de vocabulário e instrução, carregavam nas costas a noção bem definida de que nossos dias sempre foram contados, que nossos erros minúsculos poderiam resultar em morte.

O caminho para a liberdade é atravessado pelo conflito, rejeitando a falsa neutralidade com que os mecanismos de opressão se dissimulam para perpetuar sua existência enquanto subtraem outras — sobretudo as de corpos racializados. Para não só sobreviver, mas viver em potência, é fundamental evocar outras formas de violência que apresentem resistência às forças institucionalizadas (macropolíticas) e legitimadas (micropolíticas) de extermínio (Brasileiro *apud* Zandomenico, 2021, p.15).

Vivemos na mesma sociedade que os outros sujeitos, eles foram construídos pela mesma cultura que nós, assistimos as mesmas coisas na TV, fomos para mesma escola,

---

18 Recomendação de escuta: Caio Prado - Não Recomendado. Disponível em: Caio Prado - Não Recomendado (Áudio)

até quando nos foi permitido, andamos as mesmas ruas e vimos os mesmos anúncios. Mas só o nosso lado que corria da morte, encontrando formas de viver a vida, mesmo que sofrida. Aprendemos a existir sob pressão, quebramos e nos curamos, sob pressão.

Sáimos de uma prisão quando nos afirmamos não normativas, mas entramos em várias outras... Eu nunca vou estar livre sendo um corpo transviado, transvestido, TRAVESTI... As pessoas só precisam entender que são lugares de ser e que não há problema nisso. Quando as estatísticas demonstram que a expectativa de vida das mulheres travestis/transsexuais no Brasil é de 35 anos nos sinalizam nosso prazo de validade, por isso tenho pressa em viver e lutar pelo que eu acredito e pelo que eu sou. A morte física é uma das possibilidades de morte, a pior delas é quando a sociedade nos mata internamente, psicologicamente e socialmente sem direito a acessos e ao convívio. PAREM DE NOS MATAR! (SILVA, 2023, p. 54).

Quem escolheu, ou foi escolhido para viver em perpétua morte social, carrega nas costas a responsabilidade de educar quem vive confortável dentro de seu barquinho que navega no rio de, nosso, sangue. Meu projeto de mundo não deve ser empurrar o barquinho e mantê-lo seguro e confortável - enquanto nado entre os corpos de minhas irmãs pedindo migalhas para os passageiros -, pequenos alívios que me permitem maior conforto em troca do sacrifício das minhas irmãs, mas sim, inundar e afogar aqueles que construíram o barquinho e demarcaram quem era rio e quem era passageiro.

Quanto maior a quantidade de informação sobre a realidade dos meus consumo, anexadas ou não a reflexões complexas e teóricas, mais arde em mim o desejo de desmantelar, osso por osso, o esqueleto da sociedade que me construiu determinada a morte, com bases fracas e memória fragmentada, sem história e sem caminho pra seguir. Mas, além disso, preciso também pensar nas minhas e nos meus, lembrar que meu caminho foi aberto em sangue, mas foi aberto. E posso fornecer aos que estão vindo minha experiência, minha luta e minha dor, minha cura, meu processo e minha força, garantindo, então, que não estamos sozinhas nadando contra a maré de sangue. Comunico ao mundo minha sede de sangue, minha fome de luta e minha disposição ao amor.

Quando penso no papel da comunicação para os sujeitos que sangram, penso no valor do sacrifício, de como podemos escolher valorar e comunicar nossa dor, ao invés de silenciá-la e viver na ilusão de perpétua e, até a morte, infinita força. Canso-me de ver apenas a alegria, muitas vezes falsa, de meu povo que se vende para poder comer, pois ninguém faz revolução feliz. Não somos apenas animadas, somos aço forjado no fogo das ruas, nossa alegria vem da necessidade de performar para nossos outros, de nos assimilarmos, mesmo que temporariamente, ao centro. Comunico minhas dores, porque entendo o valor do meu sangue, comunico minha felicidade, pois sei que é o pouco que posso ter e me orgulho de ter alcançado, ao lado das minhas, apesar do sangue nunca parar de correr.

“Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas

de gozo ou dor, dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite." (EVARISTO, 2020, p. 52).

E quando penso no poder criativo da escrita, do criar mundos e existir com outros olhares, de experiências nossas que se põe e se alteram, ao fazer realidades outras. Penso no quanto minha imaginação é fuga, medicina, tratamento e conforto. Ao ler e ouvir a autora, identifiquei processos, na minha experiência, que também são refletidos por suas palavras.

O fazer e criar para si, o escrever o sol não pelas normativas e regras, não apenas para comunicar o sol. O fazer pelo desejo e pela vontade de ser e entender, estruturar seus próprios entendimentos sobre o mundo, sobre os mundos.

A produção de histórias no âmago da mente, para existir em si e para si, sem necessariamente buscar a compreensão do outro e da aprovação do outro. A escrita enquanto sobrevivência, vivência e experiência, tem ressonando muito comigo neste semestre. Acredito que este espaço esta forma de produção, é escolha, são processos íntimos que se mantêm em nós, por escolha, não por limitação, restrição e uma produção colonial dos espaços do lazer, do saber e do imaginar. Pensar outras formas de existir e conhecer. Para além das normativas que nos produzem. Para nós, que nos serve e nos move.

## A PRODUÇÃO DO OUTRO

Nesta seção, propõe-se um debate sobre como o existir no mundo está sujeito a relação entre sujeitos, assim como com as superestruturas. Ao pensar na produção do Eu, ou como a noção de si no mundo é produzida, nos deparamos com a produção do Outro, aquele que não é Eu. Durante as subseções sobre Identidades culturais e sociais, observamos como diferentes autoras trabalham com estas categorias, sendo que podemos nos basear naquela discussão para entender o Eu e o Outro.

O Outro é produzido a partir da delimitação da diferença, daquilo que não-sou. Sendo que, pode existir de forma diversa e não específica, ou enquanto objeto definido, nada abstrato. Aquilo que não é heterossexual, é o outro, mais especificamente o homossexual. Aquilo que não é Trans, é Cis.

A produção do outro serve no processo de regulamentação social, definir aquilo que pode ou não se pode ser é essencial para produzir comunidade e uma identidade compartilhada que situe seus membros. Sendo assim, o Outro existe como negação daquilo que deve ser; das formas corretas de se existir. Aqui vale lembrar que não estamos falando de uma identidade completa, mas de suas partes, marcadores que são pautados enquanto totalizantes do ser, as identidades sociais que comunicam pertencimento e legitimidade.

Como pautado por Silva (2000), é através da diferença que se constrói a unidade identitária. Demarcando possibilidades de pertencimento pelo não-pertencimento. Diferença torna-se fundamental para entendermos a produção da abjeção, do outro invalidado por não ser Eu. Mas do que nos serve, enquanto indivíduos, pautar nossa existência no Não-Ser, na delimitação estrita e hipócrita daquilo que deve ser rejeitado? A existência dessas formas corretas de existir produz um senso de pertencimento, legitimidade e superioridade que nos permite estabilidade em um mundo instável. É pela afirmação através da negação que construímos arquétipos arbitrários sobre as formas de existir no mundo, sempre nos referenciando na hegemonia e seus discursos, que usamos para estrategicamente nos identificar.

Lhe pergunto, o que é uma Travesti? Quais arquétipos identitários nos servem? Como construímos nosso entendimento de outras? Observo no mundo a minha volta, na academia que me alimenta e põe comida na mesa e teto para me esconder das chuvas atípicas que são quase diárias em Salvador. Observo como a identidade é dispositivo, arquétipo, também, ela serve para reduzirmos a complexidade da experiência humana e dos muitos outros sujeitos não humanos. Ela serve para construir idealismo, práticos e teóricos, que aprisionam sujeitos dentro e fora deles.

A pergunta central deste texto é a Identidade em si, enquanto questão, conceito, ferramenta e prisão. A resposta que busco não me vem de forma acadêmica, não encontro no texto tradicional e nas disciplinas. Observo identidade na prática, sendo base para teorias e projetos políticos que produzem, arquitetam e aceleram a minha morte. Os sentidos de morte são signos do discurso identitário. Observo identidade como salvação, obrigada as deusas pela minha transição, ou não. O que me faz uma boa pessoa, é suficiente que antes do meu nome venha Pastora?

Identidade está e sempre esteve em disputa. Neste texto-produto, tentei explorar e produzir, organizar meu entendimento de um tema complexo, no qual a própria prática estabelecida no dia a dia parece discordar vocalmente de mim. Talvez, estuda-se o fazer, não que poderia ser feito. Tradição estabelecida que fundamenta a desumanização do outro. Dessa identidade leio muito. Pobres coitados que vivem vidas miseráveis, por existir dessa ou daquela maneira. Artigo número... que dessa vez vai te convencer que gay é gente, porém, resultados inconclusivos, mal escritos, não é científico.

Como vemos o outro? Como produzimos o outro? A quem é permitida a complexidade de existir para além de suas partes? Ou das partes associadas a ela? Quem se permite me entender com a mesma complexidade que se entende? A quem permito-me entender com a mesma complexidade que experiencio?

O conceito de identidade que busco não busca entender o que é uma Travesti, mas, sim, construir a matriz que nos permita conceber a pessoa que porventura seja Travesti enquanto um sujeito complexo, detentora de experiência, tempo e conflito, decisão e escolha, força e fraqueza. Humana, porém animal. Viva, porém morta. Morta. Porém viva.

identidade enquanto memória presente em mim, de mim, em tu, em nós. Conceber a complexidade do outro, me parece um desafio superado, algo não dito, muito bem compreendido. Porém vejo pessoas, humanas, feitas cadáveres. Corpos terroristas. Corpos de animais-humanos. O discurso sobre o outro existe em razão de construir o eu. Ao fazer o outro. Permito-me existir para além dele. Deslegitimar. Despossuído o outro vive. Qual a identidade do Mendigo? Morador de rua; Pessoa sem-teto; Eles existem para legitimar bem e mal, cuidado com as drogas, ame Deus, trabalhe duro, estude pra não ficar assim.

No Eu que a identidade baseada em arquétipos, socialmente definidos, constrói. Existimos de forma pontual, isolada em diversas camadas. Você beijaria uma travesti? O que faz uma pessoa merecedora de seu afeto? Como você descreve aquelas que recebem seu afeto? Busco uma identidade que não sirva apenas para explicar que sujeitos abjetos se procuram. Mães andam com Mães. Homens com Homens. Mulheres negras andam com outras mulheres negras.

O que é a solidão da mulher negra? Qual é a solidão da mulher trans? Homem trans é só? Pessoas parecidas andam com pessoas parecidas porque são parecidas. Quem diria? Será este o limite da Identidade enquanto um conceito? Penso que não, sei que não estou sozinha e espero que aquelas que me leem encontrem/conheçam/ouçam outras que pensam na identidade para além disso, gostaria também de dizer que se não está nas referências, não li e ou não conheço. Não fazem parte da minha experiência, por assim dizer. Para quem serve o individualismo, bairrismo e isolamento dos sujeitos? Categoria-grupo que não pertencem ou que quero pertencer, categoria-grupo que é fundamentalmente diferente de mim. Gay vai pro céu? Eu vou pro céu, não quero gay lá, já pensou?Ninguém fala de lésbica. Nem eu.

A produção do Outro, não me serve. Eu sou o Outro. Abstrato. Abjeto. Almejado. Assassinado. A produção do outro, não te serve. Você é meu outro, quem é você? Pretendo uma compreensão da identidade que permita que sua narrativa chegue a mim. Qual narrativa de você eu sou permitida a ouvir? Ver? Presenciar? Tocar? Sentir? Amar? Odiar? Não ter ou ter opiniões sobre? O que da sua experiência lhe faz você hoje? A mulher que você foi, ainda vive na sua pele, habita sua carne e deseja?

Recentemente, uma menina morreu. 13 anos. Ela continua viva. Mas a menina morreu.Eu morri<sup>19</sup> muitas vezes. Tocada, violada, morta. Eu ainda to aqui, mas o que de mim morreu. Quando eu tinha 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 24 anos. Quem morreu no corpo que o Eu de 27 habita. Qual corpo? Como minha experiência moldou meu corpo? Meu desejo? Minha forma? Meus medos? Minhas alucinações? Quem mata a forma?<sup>20</sup> Quem forja o corpo? Quem gozou meu medo? Minha dor? Qual identidade existe na violência? Vitima. Sobrevivente. Muito Triste.

---

19 Recomendação de escuta: A Banda Mais Bonita da Cidade - Sujeito de Sorte

20 Este vídeo-ensaio de Abigail Thorn, publicado um dia após a finalização da escrita da conclusão deste texto, explora o processo de Luto, Morte e como lidamos ou não com ela. Disponível em: How Philosophers Confront Death (ft. Caitlin Doughy)

O que resta de mim? Para você que lê? Será a violência um ato atemporal? Eu ensinei uma mãe a ressuscitar sua filha. Nove meses? Um ano? Década? Quem habita o corpo do Eu que morre? Qual filha essa mãe terá? Quantas? A menina que morreu, talvez ela morra num sentido mais literal. Como eu ainda não morri. Quem regula a dor? Quem media a cura de uma ressurreição? Mas e aí? Ainda sou arquétipo? No final das contas o que é uma Travesti? Como minha existência redefine a Travesti que habita, sem pagar aluguel, na sua mente? Talvez, pra você eu nunca fui Travesti. E aí, o que eu faço com isso? Posso fazer algo com isso? Devo?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, neste trabalho busquei morrer. Para que pudesse enfim me entender enquanto sujeito. Enquanto algo para além de minhas partes. Busquei alinhar um entendimento, provavelmente ilimitado e arbitrário, de identidade. As muitas perguntas aqui pontuadas, as muitas afirmações feitas, as generalizações e negações. Em trabalhos futuros espero que as responda. Amanhã, espero que descubra os arquétipos, as partes, os cacos e os cadáveres que fazem de você, um Eu-presente e constante, única em multiplicidade, contradição e convenção. Gênero, desejo e ação. O que lhe faz feminista? Ou não? Alguém me diz, no final das contas, eu sou Travesti?

## REFERÊNCIAS

ALVES, A.R.C.; **O conceito de hegemonia**: de Gramsci a Laclau e Mouffe. Lua Nova [Internet]. 2010;(80):71–96. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-6445201000200004>

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, [s. l.], v. 8, ed. 1, p. 229-236, 1 jan. 2000. DOI <https://doi.org/10.1590/%25x> . Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880> . Acesso em: 19 de fev. 2025.

BENEVIDES, Bruna. **Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**. SIMPSON, KEILA (ed.). 1. ed. BRASIL: [s. n.], Fev 2018. 121 p. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf> . Acesso em: 19 de fev. 2025.

BENTO, Berenice. **Transexuais, corpos e próteses**. Labrys Estudos Feministas, n. 4, dez. 2003. Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys4/textos/berenice1.htm>>. Acesso em 19 de fev. 2025.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras. 2022.

BRUSTOLIM, Be S. **Identidade, representação e política: reflexões** sobre os processos efetivos de participação política na teoria de Iris M. Young. In: SUZUKI, Júlio César; ALMEIDA, Luiz Roberto de; BORGES, Valterlei. Gênero, sexualidade e identidade na América Latina: práticas e produções culturais. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2023. P. 123-140

BUENO, Samira; CERQUEIRA, Daniel (coord.). **Atlas Da Violência 2020**. 1. ed. [S. l.]: IPEA, 2020. 96 p. DOI <https://dx.doi.org/10.38116.riatlasdaviolencia2020> . Disponível em: <https://www.andes.org.br/diretorios/files/Bruna/atlas-da-violencia-2020.pdf>. Acesso em: 19 de fev. 2025.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, 2ª Edição. O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000;

\_\_\_\_\_. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016a.

COACCI, Thiago. **Conhecimento precário e conhecimento contra-público**: a coprodução dos conhecimentos e dos movimentos sociais de pessoas trans no Brasil. 2018. 274 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

COACCI, Thiago.. A queima dos laudos: controvérsias e reconfigurações dos saberes e direitos trans na ADI 4275. **Revista Direito e Práxis**, v. 11, n. 2, p. 1188–1210, abr. 2020.

FERGUSON, Asher; FERGUSON, Lyric. **The 150 Worst (& Safest) Countries for LGBTQ+ Travel in 2021**: A study of the world’s most popular countries for LGBTQ+ travel reveals the good, the average & the ugly. Asher and Lyric, [S. l.], p. 1-1, 23 mar. 2021. Disponível em: <https://www.asherferguson.com/lgbtq-travel-safety/> . Acesso em: 19 de fev. 2025.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro-RJ: Editora LTC. 1989.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na cultura brasileira**. In. Revista Ciências Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244

GRACE, Laura Jane. **Tranny**: Confessions of Punk Rock’s Most Infamous Anarchist Sellout. United States: Hachette Books, 2016.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: **Escrevivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Org. Duarte, Constância Lima; Nunes, Isabella Rosado; Ilus. Lopes, Goya; 1ª ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48 – 54

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

HARAWAY, Donna. **Saberes Localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Tradução de Mariza Corrêa. Cadernos pagu, V 5, 1995. P. 07-41.

HOOKS, Bell. **Escolher a Margem como Espaço de Abertura Radical**. Traduzido por Camila Matos. Texto publicado originalmente no livro *Yearning: Race, Gender and Culture Politics*, 1. Cambridge: South End Press, 1990. pp. 223-225; com o título *Choosing the Margin as a Space of Radical Openness*.

JESUS, J. G. de. **Transfobia e crimes de ódio**: Assassínatos de pessoas transgênero como genocídio. História Agora, v. 16, n. 2, p. 101 – 123, 2013.

JESUS, J. G. de. **Transfeminismo**: Teorias e práticas. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014. ISBN: 9788563439550

JESUS, J. G. de; ALVES, H. **Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais**. Cronos, Natal, RN, v. 11, n. 2, p. 8 – 19, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufrn.br/index.php/cronos/article/view/2150/pdf>>

MALDONADO-TORRES, N. **On the coloniality of being**. Cultural Studies, 2007. V. 21(2–3), p. 240–270. <https://doi.org/10.1080/09502380601162548>

MARTINS, Catarina. **O poder de (se) nomear e o direito de existir**. Multiculturalidade e Direito. Centro de Estudos Judiciários. Lisboa, Portugal. 2022. URL: <http://hdl.handle.net/10316/100186>. ISBN: 978-989-9018-86-0

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte**. Revista do ppgav/eba/ufrrj: Arte & Ensaios, [s. l.], ed. 32, p. 122-151, Dez 2016. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.files.wordpress.com/2018/03/necropolicc81tica-achille-m-ensaio.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

PAVKA, Evan. **What Do We Mean By Queer Space?**. Azure Magazine, [S. l.], p. 1-1, 29 jun. 2020. Disponível em: <https://www.azuremagazine.com/article/what-do-we-mean-by-queer-space/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

SENNA, Ariane Moreira de. **A Solidão da Mulher Trans, Negra e Periférica**. Uma (auto) etnografia sobre relações socioafetivas em uma sociedade cisheteropatriarcal. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

SILVA, Flávys Guimarães. **(Trans)jetórias e memórias**: escrevivência de uma narrativa urbana e acadêmica. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia, Licenciatura em Dança - Aparecida de Goiânia, 2023. 57 f. Disponível em: [https://repositorio.ifg.edu.br/bitstream/prefix/1559/1/tcc\\_FI%C3%A1vys%20Silva.pdf](https://repositorio.ifg.edu.br/bitstream/prefix/1559/1/tcc_FI%C3%A1vys%20Silva.pdf)

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; Hall, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). IDENTIDADE E DIFERENÇA: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 136. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva

SINOPOULOS-LLOYD, Pınar. **A. Queer Futurism: Denizens of Liminality**. Youth Passageways, [S. l.], p. 1-1, 28 dez. 2017. Disponível em: <https://youthpassageways.org/blog/2017/12/28/queer-futurism-denizens-of-liminality/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

SCOTT, Joan W. **Fantasia do milênio**: o futuro do gênero no século XXI; Cadernos de Gênero e Tecnologia, V. 12, P 319; Junho de 2019; DOI - 10.3895/cgh.v12n39.10231

SPIVAK, Gayatri C. **Pode a subalterna tomar a palavra?**. Lisboa: Editora Orfeu Negro, 2021.

VEIGA, Lucas. **As diásporas da bixa preta**: sobre ser negro e gay no Brasil. Tabuleiro de Letras, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 77–88, 2018. DOI: 10.35499/tl.v12i1.5176. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5176>. Acesso em: 19 de fev. 2025.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2016. 244 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19685/1/VERGUEIRO%20Viviane%20-%20Por%20inflexoes%20decoloniais%20de%20corpos%20e%20identidades%20de%20genero%20inconformes.pdf>. Acesso em: 19 de fev. 2025.



VIEIRA, Fernanda Dantas. **Onde estavam as travestis durante a Ditadura?**. Diálogos Políticos, [S. l.], p. 1-1, 6 abr. 2015. Disponível em: <https://dialogospoliticos.wordpress.com/2015/04/06/onde-estavam-as-travestis-durante-a-ditadura/>. Acesso em: 15 jun. 2021.

ZANDOMENICO, Yasmin. **Modos De Descolonizar: o Trauma é Brasileiro, De Castiel Vitorino Brasileiro**. Em: RCL - Revista De Comunicações e Linguagens. ICNOVA. Portugal, 2021.

WORLD POPULATION REVIEW. **LGBT Rights by Country**. World Population Review, [s. l.], p. 1-1, 2021. Disponível em: <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/lgbt-rights-by-country>. Acesso em: 19 fev. 2025.

## REFERÊNCIAS MUSICAIS

A BANDA MAIS BONITA DA CIDADE; Lumma, Jesus. **Sujeito de Sorte**. [música], Letra: Jesus Lumma; Antonio Carlos Belchior. (5 mim. 3 seg.) In: A BANDA MAIS BONITA DA CIDADE. Marê Alta, Enfim. BRA. 2023. Disponível em: *Sujeito de Sorte*. Acessado em: 19 de Agosto de 2024.

PRADO, Caio. **Não Recomendado**. [Single], 2014. (3 mim. 55 seg.) Disponível em: *Caio Prado - Não Recomendado (Áudio)*. Acessado em: 19 de Agosto de 2024.

QUEBRADA, Linn. **Quem soul eu**. [Música], Composição: Linn da Quebrada. (3mim. 44 seg.). In: QUEBRADA, Linn. **Trava Línguas**. [Álbum]. Prod. BADSISTA. São Paulo/SP, 2021. Disponível em: *Linn da Quebrada - quem soul eu (Áudio Oficial)*. Acessado em: 19 de Agosto de 2024.

QUEBRADA, Linn. **Trava Línguas**. [Álbum]. Prod. BADSISTA. São Paulo/SP, 2021.

QUEBRADA, Linn. **Pense & Dance**. [Single]. Prod. Musical: BADSISTA. BRA, 2021 (4 min. 47 seg.);

QUEBRADA, Linn; BAIRRO, Jup do. **Bixa Preta - Pt. 2**. [Single]. Prod. Musical: Sanvtto. BRA, 2020 (5 min. 13 seg.);

QUEBRADA, Linn. **BlasFêmea I Mulher**. [Single], Direção e Roteiro: Linn da Quebrada. Prod.: Julia Alves; Juliana Melo; Felipe Santo. YouTube. 2017. (10 mim. 18 seg.) Disponível em: *Linn da Quebrada - blasFêmea I Mulher*. Acessado em: 19 de Agosto de 2024.

QUEBRADA, Linn. PROFANA, Ventura. **Eu matei o Júnior**. [Single], Produção e Direção Musical: BADSISTA. 2021. (3 mim. 37 seg.). Disponível em: *Linn da Quebrada - eu matei o Júnior ft. Ventura Profana (Áudio Oficial)*. Acessado em: 19 de Agosto de 2024.

## REFERÊNCIAS VIDEOGRÁFICAS

THORNE, Abigail. **How philosophers confront death (ft. Caitlin Doughty)**. YouTube, 2024. Disponível em: *How Philosophers Confront Death (ft. Caitlin Doughty)*. Acessado em: 19 de Agosto de 2024.